



Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla

Isced – Huíla

Os Golpes de Estado na África Ocidental e os seus Efeitos na actualidade. O Caso particular da Costa do Marfim.

Autor: Adriano Punga Bumba

Lubango

2021



Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla

Isced – Huíla

Tema: Os Golpes de Estado na África Ocidental e os seus efeitos na actualidade. O Caso particular da Costa do Marfim.

Trabalho apresentado para a obtenção do Grau de Licenciatura em ensino da História

Autor: Adriano Punga Bumba

Tutor: Laurindo L. Rufino



**Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla
Isced – Huíla**

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Temos a consciência que a cópia ou plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base Eu, Adriano Punga Bumba estudante do instituto superior de ciências da educação da Huíla (ISCED-HUÍLA) curso de ensino da História do departamento de ciências sociais, declaramos, por nossa honra ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tivemos acesso e dos conhecimentos adquiridos durante à nossa carreira estudantil e profissional.

Lubango, 2021

Dedicatória

Dedico esta monografia a minha querida mãe Angelina Caimiro Punga, ao meu tio Adriano António Ndala, ao meus irmãos, destacando o Eudes pinto, Balbina Casimiro, Isvi Pinto, Denilson Bunga, Emília Ndala e Francisco Ndala, amigos que nos momentos difíceis e nas intempéries da vida não dispensaram os seus braços e ombros para me aconchegar; particularmente ao Carlos Miguel, vulgo Negritude, ao Bruno meu irmão e companheiro, ao meu gêmeo Gabriel Nunda Samuel e sem olvidar a família Tchiteculo.

Agradecimentos

Agradeço à Deus, pelo dom da vida, pela saúde e protecção que tem-me dado, principalmente por permitir alcançar esta etapa áuria, e desafiadora. Agradeço de forma profusa a minha família, ao meu orientador, o Msc Laurindo L. Rufino por ter aceite orientar este trabalho. Outrossim, agradeço a todos os professores do departamento de ciências sociais, com particular destaque aos da secção de História; a todos os colegas do ISCED-Huíla, e da Universidade Mandume Ya Ndemufayo-Faculdade de Direito, pelo carisma e estima.

Resumo

A aparente impressão de estabilidade no continente africano, “reorganizado” ao modelo de Estados-Nação na época colonial, foi construída pelas principais potências naquele período. Sob a retórica de levar o desenvolvimento às terras ao sul, os regimes coloniais traçaram um mapa no continente, que acabou por dividir etnias e colocando no poder “grupos etnorreligiosos díspares, heterogêneos e culturalmente diferentes”.

Essa maneira de actuação dos poderes coloniais, acabou por criar conflitos endêmicos e situações de golpes de Estados no continente africano; e a Costa do Marfim, dentro deste quadro não foi um caso isolado.

Assim, o presente trabalho está constituído por dois capítulos; no primeiro capítulo caracterizamos a África do ponto de vista geopolítico, abordamos grosso modo sobre os golpes de Estado na África Ocidental, com realce a Guiné-Bissau, Nigéria e Serra-Leoa. Falamos igualmente sobre a problemática das fronteiras em África e a questão dos refugiados. No segundo capítulo, falamos sobre os conflitos na Costa do Marfim, os golpes de Estado, os processos de paz, as intervenções da ONU e a intervenção francesa na Costa do Marfim.

Palavras-Chave: Costa do Marfim, Golpes de Estado, África Ocidental

Abstract

The apparent impression of stability on the African continent, “reorganized” to the model of Nation-States in colonial times, was built by the main powers in that period. Under the rhetoric of taking development to the lands to the south, the colonial regimes drew a map on the continent, which ended up dividing ethnic groups and placing in power “disparate, heterogeneous and culturally different ethno-religious groups”. This way of acting by the colonial powers, ended up creating endemic conflicts and situations of coups d'état in the African continent; and Côte d'Ivoire, within this framework, was not an isolated case.

The 1999 coups d'état carried out by forces commanded by Robert Guei, the French intervention and the ensuing protests due to the weaknesses in the social, political and economic sectors have led Côte d'Ivoire to retreat in terms of development. Thus, for our research, we use as a general objective: To analyze the coups d'état in West Africa; as specific objectives: Describe coups d'etat in West Africa; Identify the causes of coups d'etat in West Africa; List the consequences of coups d'état in West Africa; We also use the Comparative and Historical methods, and the interview as an instrument for data collection. Thus, the present work consists of two chapters; in the first chapter, we characterize Africa from a geopolitical point of view, we approach roughly the coups d'état in West Africa, with emphasis on Guinea-Bissau, Nigeria and Sierra Leone. We are also talking about the issue of borders in Africa and the issue of refugees. In the second chapter, we talk about the conflicts in Côte d'Ivoire, the coups d'état, the peace processes, the UN intervention and the French intervention in Côte d'Ivoire.

Key-words: Côte d'Ivoire, Coups d'état, West Africa

Lista de Siglas e Abreviaturas

ONU-Organizações das Nações Unidas

OTAN-Organização do Tratado Atlântico Norte

ONUCI-Operações das Nações Unidas na Costa do Marfim

MINUCI-Missões das Nações Unidas na Costa do Marfim

ECOWAS-Comunidade Económica do Oeste Africano

OUA-Organização de Unidade Africana

Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Introdução.....	5
Justificação do Tema.....	6
Problema de Investigação.....	6
Objecto de investigação.....	6
Objectivo Geral.....	6
Objectivos Específicos.....	6
Opção Metodológica.....	Erro! Indicador não definido.
Método Comparativo.....	6
Método Histórico.....	7
Técnicas de Pesquisa.....	Erro! Indicador não definido.
Entrevista.....	7
Tipos de Pesquisa.....	7
Pesquisa Bibliográfica.....	7
Pesquisa documental.....	7
CAPÍTULO I: Produção Teórica Actual.....	11
1.1 Estado da Arte.....	11
1.2 Breve Caracterização Geopolítica de África.....	11
1.3. Os golpes de Estado na África Ocidental.....	12
1.3.1 O Golpe de Estado na Guiné-Bissau.....	13
1.3.2 O Golpe de Estado na Serra Leoa.....	14

1.3.3 O Golpe de Estado na Nigéria	15
2. A Problemática das Fronteira em África.....	17
2.1 A Imigração Um Fenómeno Antropológico	17
CAPÍTULO II: Os Golpes de Estado na África Ocidental e os seus efeitos na actualidade. Um olhar a Costa do Marfim	20
2.1 Localização Geográfica da Costa do Marfim	20
2.2 Os conflitos na Costa do Marfim	20
2.3 O Golpe de Estado na Costa do Marfim	22
2.3.1 O Processo de Negociação	23
2.3.2 As missões de paz da ONU na Costa do Marfim	23
3. A França na Costa do Marfim	24
Conclusões	41
Sugestões	42
Referências Bibliográficas.....	47
Anexo.....	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Introdução

Os novos estados africanos não detinham os instrumentos necessários para poderem enfrentar os vários tipos de conflitos que iriam surgir, os quais, muitas vezes, eram instigados do exterior por lógicas que eles não controlavam. O período da Guerra Fria foi um bom exemplo disso. Quando foram instigados conflitos aproveitando factores de vária ordem, como a ideologia, a personalidade dos líderes, as lutas internas pelo poder, o tratamento das questões das minorias étnicas, a descolonização, as interferências externas, os problemas relacionados com os refugiados e, finalmente, as disputas territoriais.

O conflito armado em África experimenta-se uma verdadeira alternância de sentimento entre euforia e desespero. Parece que cada vez mais que um conflito seja ele na África austral, central, ou ainda ocidental encerra com uma celebração de acordos de paz ou eleições, surgem outros conflitos desencadeado por golpes de estado em outras regiões do continente africano. A África Ocidental é entendida como uma das regiões com menor contribuição para o volume das migrações forçadas em África durante as primeiras as três décadas do Pós-independência.

Essa situação deve-se não há inexistência de conflitos violentos, mas antes à quase inexistência de guerras civis até ao final dos anos A guerra colonial na Guiné-Bissau (até 1974), a guerra civil nigeriana (1967-70) entre a República Federal da Nigéria e a auto-proclamada República de Biafra, na sequência da secessão da região leste da Nigéria, e a emergência de um conflito que gradualmente adquirirá os contornos de uma guerra civil localizada a sul do Senegal, na sequência da tentativa secessionista da região de Casamance, todos estes episódios constituem excepções no contexto regional. Assim o presente trabalho tem como tema: **Os Golpes de Estado na África Ocidental e os seus efeitos na actualidade. O Caso particular da Costa do Marfim.**

Justificação do Tema

O continente africano ao longo de vários anos tem sido infestado por inúmeros conflitos, motivados por factores não apenas políticos, mas também económico, cultural, sociais e étnicos e religiosos. Os golpes de estado que se verificaram em alguns países do continente africano, principalmente na região da África ocidental, chamaram a nossa atenção e serviram-nos de motivação para podermos abordar com profundidade, trazendo teóricos que nos servirão de embasamento.

Problema de Investigação

Segundo Gil (2008) problema científico é qualquer questão não resolvida, e que é objecto de discussão em qualquer domínio do conhecimento.

Deste modo, para a nossa pesquisa traçamos como problema: Quais são os efeitos dos golpes de Estado na África ocidental na actualidade?

Objecto de investigação

Os golpes de Estado na África ocidental e os seus efeitos na actualidade. Um olhar a Costa do Marfim.

Objectivo Geral

Analisar os golpes de Estado na África ocidental

Objectivos Específicos

- ❖ Descrever os golpes de Estado na África ocidental
- ❖ Identificar as causas dos golpes de Estado na Costa do Marfim
- ❖ Enumerar as consequências dos golpes de Estado na Costa do Marfim

Método Comparativo

Empregado por Taylor. Considerando que existem semelhanças e diferenças nos estudos dos diferentes tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no

passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento (Lakatos, 2011, p.92).

Método Histórico

O método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram a sua forma actual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que actualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (Boas *apud* Lakatos, 2011, p.93).

Entrevista

A entrevista é uma conversação efetuada face a face de maneira metódica e seu objetivo é o de proporcionar ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária. É, portanto, uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados sobre um determinado tema. Para maior segurança e fidedignidade, elas devem ser gravadas e depois transcritas. Quando utilizadas para comprovação de dados ou complementação de trabalhos acadêmicos devem figurar como apêndices do trabalho de pesquisa. (Martins, 2010, p. 88)

Tipos de Pesquisa

Pesquisa Bibliográfica

Pesquisa bibliográfica é a etapa da pesquisa em que o pesquisador faz a busca dos referenciais teóricos pertinentes à questão-problema do seu estudo. Essa busca é realizada em materiais como livros, periódicos e jornais científicos impressos ou digitais localizados em bibliotecas ou em base de dados. (Moura, 2015, p.10).

Pesquisa documental

A pesquisa documental visa colectar elementos relevantes para o estudo em geral ou para a realização de um trabalho em particular. É aquela realizada a partir da

consulta a documentos e registros que confirmam determinado facto, ou seja, de documentos considerados cientificamente autênticos (Martins, 2010, p. 86).

CAPÍTULO I: PRODUÇÃO TEÓRICA ACTUAL

CAPÍTULO I: Produção Teórica Actual

1.1 Estado da Arte

O continente africano viu-se por muitos anos mergulhado em inúmeros conflitos que nada contribuíam para o crescimento ou mesmo o desenvolvimento dos Estados que fazem parte deste continente. Os conflitos étnicos e religiosos, a problemática da fome, dos golpes de estado, doença, pobreza e da imigração tem se constituído num dos factores de debate em vários círculos.

Assim, na presente secção iremos apresentar grosso modo alguns teóricos que nos serviram de sustento para reflectir em volta da questão dos golpes de estado. Dentre eles destacamos: Pinto (1985) Naudé (1993) Malaparte (2002) Dias (2009).

George Naudé, (1993) no seu livro ***Considerações Políticas e seus golpes de Estado*** diz que, um golpe de Estado é um meio neutro para assegurar a sobrevivência colectiva, à custa da justiça e da liberdade de alguns. Vale lembrar que alguns elementos que caracterizam esse conceito em sua versão primeira têm-se mantido desde então, mas novos valores e novas questões de natureza política, ética, jurídicas e históricas entraram em cena a partir do século XVIII.

1.2 Breve Caracterização Geopolítica de África

A África é um continente marcadamente maciço e seu litoral não é pródigo em baías e portos. A distância de um lugar do interior até o mar pode alcançar perto de 1.500km, enquanto na Europa o máximo é de cerca de 500km. Predominam os planaltos e a altitude média do continente é de 675m. As planícies são maioritariamente litorâneas e estreitas. Os rios, pouco navegáveis, são cortados por quedas e cataratas, o que limita bastante a navegação, dificultando a comunicação no interior do continente. Em contrapartida, isso possibilita ao continente ter o maior potencial hidroeléctrico do mundo, com destaque para a República Democrática do Congo. O continente africano representa actualmente a expressão mais visível da conflitualidade mundial, concentrando os conflitos e consequentemente os esforços tendentes à sua resolução. Pereira, (2003, p.2)

A respeito da caracterização geopolítica de África

Saraiva argumenta que:

A África vem sendo escolhida como parte das prioridades para novas áreas e carteiras de empréstimos do Banco Mundial. Há preocupações, no entanto, no campo social, que variam de país a país, por meio de políticas de construção de metas de redução da pobreza. Há também a atenção dos sectores financeiros em alguns países africanos com a eventualidade de um novo ciclo de endividamento interno advindo principalmente das políticas financeiras engendradas pela política chinesa na África, que tem interesse estratégico no continente para compra de petróleo, *commodities* agrícolas e exploração de recursos minerais. A África subsaariana, ou África negra, considerada a região mais pobre do mundo, cresce entre 5% e 6% ao ano desde 2003. Adaptações macroeconómicas à globalização moveram as economias de todo o continente para equilíbrios na área da gestão dos negócios dos Estados (Saraiva 2008, p.4).

Segundo Marshall (2017, p.118) a África foi amaldiçoada e abençoada pelos seus recursos, abençoada na medida em possui riquezas naturais em abundância, mas amaldiçoada porque há muito que os forasteiros as pilham. Em tempos mais recentes, os estados-nação conseguiram reclamar uma parte desta riqueza e, hoje os países estrangeiros investem em vez de roubarem, mas ainda assim, os povos raramente beneficiam com o negócio. Além das suas riquezas minerais, a África é também doptada de muitos grandes rios, não obstante a maior parte dos seus rios não favoreça o comércio, são óptimas fontes de hidroelectricidade. Assim, esta também é uma fonte de potenciais conflitos.

1.3. Os Golpes de Estado na África Ocidental

Antes de abordar os golpes de Estado na África Ocidental, não poderíamos falar disso sem mencionar as questões de partilha de África pelas potências Europeias e nem sequer contou com uma entidade africana. Essa partilha, com interesses inconfessos dos poderes coloniais tiverem ou têm de certa forma alguma parte naquilo que têm sido causas ou motivos de conflitos em África.

Os golpes de Estado são motivados regra geral por uma única razão, passa pelo descontentamento de quem governa, ou seja, o Estado quando deixa de cumprir com as suas obrigações básicas, como o saneamento básico, questões de água, luz, educação e saúde, facilmente estas questões associadas as outras podem desencadear num golpe de Estado. No entanto, os problemas em África quase têm as mesmas características, por exemplo várias são as zonas que se consideram como espaços desgovernados, visto que alguns Estados dificilmente conseguem solucionar ou dirimir os problemas destas populações¹.

Na perspectiva institucional, verifica-se uma fragilidade relativamente as instituições africanas; há uma grave problemática nestas regiões, como a corrupção o derrube as instituições democraticamente estabelecidas, e o acesso ao poder é quase sempre feito com o recurso à ruptura da ordem jurídica constitucional. E uma das coisas que temos observado na região da África ocidental e quiçá no continente em geral é a falta de confiança nas instituições visto que muitos líderes passam por cima das constituições, alterando a seu belo prazer².

1.3.1 O Golpe de Estado na Guiné-Bissau

As lógicas repressivas aliadas à má administração pública, com sucessivas crises económicas, gerando a insatisfação da população em relação ao governo também foram causas que estiveram na base do golpe de estado na Guiné-Bissau. Nesta perspectiva, no presente item abordaremos sobre o golpe de estado na Guiné-Bissau.

Como salienta Zeverino (S/d):

De volta à normalidade no dia 20 de Fevereiro, efectiva-se a posse do Governo da Unidade Nacional. Esse momento foi novamente marcado pela expectativa de uma paz duradoura que levasse a normalidade da vida às populações,

¹ Professor Abraão Jordan Calej, entrevista concedida no 13 de Maio de 2021, as 17:20.

² Gabriel Nunda Samuel, entrevista concedida no dia 2 de Junho de 2021, as 10:20.

selando os antagonismos das partes em contenda. Por outro lado, o evento evidenciou o jogo político diplomático das instituições sub-regionais e internacionais indirectamente no conflito. Pois para além das representações diplomáticas acreditadas no país, estavam presentes à cerimónia o primeiro-ministro do Senegal, Ministro de Negócios Estrangeiros de Portugal, de Cabo-Verde, do Togo, da Gâmbia, da Costa do Marfim e da Guiné-Conacri, sem contar com outras representações dos países da sub-região (Zeverino S/d, p.103).

Segundo Jauara (2015, p.6), no mês de junho do mesmo ano (1998), presidente Nino Vieira afasta, por decreto presidencial, o Chefe do Estado Maior General das forças armadas, o general Assumane Mané, acusado de favorecer o tráfico de armas para os “Rebeldes Separatistas” de Casamance, Senegal. O general Mané não só negou as acusações como considerou inaceitável a forma arbitrária da sua demissão. Ele então constituiu uma Junta Militar para enfrentar o presidente, o que precipitou uma guerra civil 1998/1999 na Guiné-Bissau.

Contudo, podemos afirmar que, os conflitos na Guiné-Bissau tem quase as mesmas características que todos os conflitos que se tem observado no continente africano, principalmente na região da África ocidental onde este país está situado. Os problemas étnicos, os conflitos pós-eleitorais, o analfabetismo acentuado, a falta de perspectiva no futuro, a ignorância, fome, e a pobreza têm criado um cenário favorável para o surgimento de grupos terrorista e de movimentos rebeldes; o que tem provocado atraso na corrida para o desenvolvimento do continente.

1.3.2 O Golpe de Estado na Serra Leoa

A ocorrência de governos ditatoriais na Serra Leoa sempre seguiu o subdesenvolvimento, as desigualdades, as tensões sociais e, principalmente os conflitos ideológicos, que esforçou e impediu que se ostentasse uma aparente estabilidade política. Assim, neste subtema, faremos uma reflexão em torno dos golpes dês estado na Serra Leoa.

Situada na Costa Oeste Africana, Serra Leoa possui nas regiões Norte e Leste uma cadeia de montanhas onde é comum a extracção de diamantes, ouro e bauxita principal actividade econômica do país e que respondiam por dois terços dos rendimentos com comércio exterior. Outra importante fonte

económica é o turismo, afectado directa e negativamente pelos recentes conflitos internos ocorridos na região. A população actual se divide entre duas principais etnias: a Mende e Temne que dividem o restante da região com outros grupos minoritários, em sua maioria imigrantes europeus e libaneses, quando não descendentes de escravos. Colombelli (2004, p.40).

Os constantes golpes e contra-golpes na Serra-Leoa, foram visíveis, as ambições desmedidas dos políticos criou no país uma arena de enormes disputas.

Como afirma Colombelli (2004):

Em 1996 Strasser foi deposto e no mesmo ano foram realizadas eleições onde o Partido do Povo de Serra Leoa (SLPP) saiu vitorioso tendo como líder Ahmed Tejan Kabbah que tornou-se presidente em segundo turno com 59% dos votos. O primeiro governo civil em quase duas décadas iniciou diálogo com a guerrilha e trouxe a esperança de uma normalização da economia. Em 1997 um golpe militar liderado pelo major Jonny Paul Koroma aliado da Frente Revolucionária Unida, depôs Ahmed Kabbah, proibiu a criação e manifestação de partidos políticos e suspendeu a constituição. Diante deste cenário os Estados Unidos se manifestam contrariamente ao golpe e, em protesto fecharam sua embaixada em Freetown que em seguida foi bombardeada por barcos nigerianos, com o apoio de tropas da Guiné, na tentativa de reconduzir ao poder o presidente deposto (Colombelli 2004, p.44).

Nesta perspectiva, considera-se que, após quase uma década de golpes militares e intensas guerras civis, a Serra Leoa atravessa um processo lento na tentativa de alcançar a estabilidade política e económica dando ênfase à crítica situação de segurança na qual se encontra o país. E de acordo com Collier, as guerras e os golpes de estado impedem os países de baixo rendimento de crescer e, no entanto, mantêm-nos dependente da exportação dos produtos básicos.

1.3.3 O Golpe de Estado na Nigéria

A Nigéria é marcada por problemas sociais e políticos desde o período colonial, o país mais populoso da África teve problemas em estabelecer um governo central legítimo que representasse todos os seus povos. No presente subtema iremos reflectir em volta dos golpes de estado que por muito tempo foram surgindo neste país africano.

Como nos mostra Toyin (1985):

Nigéria nem sempre foi caracterizada pela democracia e pelo sistema político apresentados. Desde sua independência, em 1960, os primeiros anos do país foram de governança da monarquia britânica com um governador-geral indicado por um ministério nigeriano. Na primeira república, em 1963, o presidente foi eleito pelo Parlamento para um mandato de cinco anos para ser chefe de Estado. Entretanto, o presidente eleito foi derrubado por intermédio de um golpe de Estado liderado pelas forças armadas da Nigéria. Dias depois do episódio, o Major-General Johnson Aguiyi-Ironsi foi assassinado pelo exército e o General Yakubu assumiu o poder. O governo do Yakubu durou mais tempo e em 1975 e o seu governo foi completamente deposto pelo General Murtala Mohammed (Toyin 1985, p.34).

Segundo Povoas (2015, p.23), o ciclo de violência na política continuou e o regime do Mohammed chegou ao fim quando ele foi assassinado em 1976. O último regime militar durou de 1966 até 1979 e foi o do General-Major Olusengun Obasanjo que iniciou o processo de transição para a um governo civil. Uma nova Constituição foi promulgada e a política do país voltou ao Sistema *Westminster* usado na Primeira República. Cinco partidos políticos disputaram as eleições Shehu Shagari, do partido nacional da Nigéria, foi eleito presidente. Obasanjo transferiu o poder para Shagari e se tornou o primeiro Chefe de Estado do país a voluntariamente renunciar a Presidência.

Ainda segundo as abordagens de Toyin (1985), em 1983 o incumbente e seu partido político retornaram ao poder com uma vitória esmagadora, tomando conta da maioria da câmara e do governo de 12 estados. As eleições foram marcadas por violência e alegações de fraude eleitoral. Vários activistas nigerianos renomados acreditavam na existência de falsificação dos resultados e criticaram o governo de Shagari. Em Dezembro do mesmo ano as forças armadas nigerianas retomaram o poder e deram fim à Segunda República nigeriana.

Wright 2002, *apud*, Povoas (2015) alegam que, meses depois o General Sani Abacha, então Ministro da defesa, tirou Shonekan do governo, e deu início a uma junta militar e a um governo controverso, marcado por abusos aos direitos humanos e de alegações de corrupção em contas no exterior gerando protestos de várias ONGs ao redor do mundo contra sua ditadura. Sua morte deu início a

nova era democrática nigeriana, marcada pelo retorno de Osabanjo através de eleições directas e pelo aprimoramento da constituição do país.

2. A Problemática das Fronteira em África

O colonialismo alterou rápida e radicalmente as fronteiras políticas e territoriais do continente africano. Países que permaneceram independentes, tiveram a sua dimensão reduzida pelos poderes coloniais. Assim, no presente subtema, abordaremos sobre a problemática das fronteiras em África.

A respeito das fronteiras em África, Branco (2013) assegura:

A África tem cerca de 50 mil kms de linhas de fronteiras, na sua grande maioria surgidas após a Conferência de Berlim de 1884/1885, momento em que os europeus se lançaram à conquista de um continente que consideravam não ter dono, o que não correspondia à realidade. A divisão do continente pelos poderes coloniais pôs fim, na maior parte dos casos, a um processo interno de reestruturação do espaço por forças sociais e políticas relacionadas com a história de África no longo prazo (Branco, 2013, p.4).

Na perspectiva de Lousada (2010), o facto de as fronteiras em África terem sido delimitadas de acordo com os interesses dos europeus fez com que as realidades geográficas, humanas, sociológicas e históricas do continente africano fossem marginalizadas. Nesse sentido, os actuais estados africanos são, basicamente, criações coloniais transformadas em estados independentes. As suas dimensões, características e fronteiras são fruto da herança colonial.

Segundo Sónia (2017, p.73), não são as fronteiras fixadas pela colonização que por si só conduziram paz em África. É facto que as guerras actuais no nosso continente, embora sejam na maioria internas, estão intrinsecamente ligadas à forma como os Estados actuais e as suas respectivas fronteiras foram construídas ou definidas. Existem neste sentido outros factores de ordem económica, social e militar que concorrem para o efeito.

2.1 A Imigração Um Fenómeno Antropológico

A problemática da migração, constitui sempre um tema de grande interesse, na medida em que ainda nos dias que seguem várias são as pessoas que procuram

migrar para lugares onde há paz, serenidade e conforto; onde há estabilidade para o melhoramento das suas condições de vida. Assim, no presente subtema, iremos reflectir em torno do fenómeno imigração, como um factor que não tem estado a margem da população africana.

Ainda segundo Marinucci (s/d), numa perspectiva sociológica, as migrações são percebidas sob a óptica estruturalista como uma das consequências da crise neoliberal contemporânea. No contexto do sistema económico actual, nota-se o crescimento económico sem o aumento da oferta de emprego. O desemprego passa a ser uma característica estrutural do neoliberalismo, e as pessoas, então, migram em busca, principalmente, de trabalho e do melhoramento das suas condições de vida. E isto se verifica tanto no plano interno como no internacional.

**CAPÍTULO II: OS GOLPES DE ESTADO NA ÁFRICA OCIDENTAL E
OS SEUS EFEITOS NA ACTUALIDADE. O CASO PARTICULAR DA
COSTA DO MARFIM**

CAPÍTULO II: Os Golpes de Estado na África Ocidental e os seus efeitos na actualidade. O Caso Particular da Costa do Marfim

2.1 Localização Geográfica da Costa do Marfim

A República da Costa do Marfim está localizada na África, limitada pelo Mali, Burkina Faso, Gana, Libéria, Guiné e pelo Oceano Atlântico. O governo é caracterizado como uma república presidencialista e o território é dividido em 19 regiões que, por sua vez, estão subdivididos em 58 departamentos. A economia é baseada no cultivo principalmente de cacau e do óleo de palma, sendo um dos maiores exportadores do mundo. Além disso, a produção de produtos como, por exemplo, banana, abacaxi e café as indústrias nacionais também participam na contribuição da renda do governo.

Diante da sua posição geográfica estratégia para traficantes, a Costa do Marfim é utilizada como área de trânsito de vários tipos de drogas e narcóticos, tais como a heroína, cannabis, cocaína, benzodiazepinas fármacos psicotrópicos, muito utilizados para efeito como tranquilizantes e anti-depressivos e haxixe droga de efeito entorpecente preparada com a resina segregada pelas inflorescências femininas do cânhamo, cujo componente ativo é o tetraidrocanabinol), para a Europa e para os Estados Unidos, além de serem consumidos internamente no país³.

2.2 Os conflitos na Costa do Marfim

O conflito na Costa do Marfim constitui um estudo de caso intenso e revelador no que respeita à teoria da avaliação da implementação de missões de paz. Até ao início do século, a Costa do Marfim, constituída por cerca de sessenta etnias diferentes, era considerada um dos países com maior estabilidade política e prosperidade socioeconómica do Oeste de África, merecendo mesmo o epíteto de “Milagre Africano” (Langer 2005).

³ Centro de Estudos africanos de Minas Gerais

As causas dos conflitos na Costa do Marfim muitas vezes tem que ver com a problemática da cidadania, há pessoas que lhes são recusadas a cidadania marfinense por motivos políticos, como por exemplo o que aconteceu com o presidente Lassane Dramane Outtara pelo simples facto de questionar-se a sua paternidade. Os conflitos de terras, ligados com questões culturais, têm de certa forma contribuído para a instabilidade na Costa do Marfim⁴.

De acordo com Colombelli, (2004):

A situação de dominação política observada na África Negra é bem conhecida, basta olharmos para a Costa do Marfim. Não é difícil nos depararmos com sistemas totalitários e monopartidaristas dissimulados que perpetram o medo e impõem um silêncio quase absoluto nas populações africanas onde não se pode negar a existência de um poder ilimitado que subjuga a população negando-lhes assim direitos essenciais como, por exemplo, o de liberdade para criação de associações e liberdade de expressão (Colombelli, 2004, p.37).

Baddou e Penna (2014, p.164), reflectindo sobre as crises políticas na Costa do Marfim, mostram que, o aumento dos preços de alimentos e outros artigos de consumo após a desvalorização nos mercados locais tem contribuído para a deterioração das condições de vida dos marfinenses e o despoletar dos conflitos naquele país. Esses factores, são motivos que mostram em certa medida a grave crise pela qual está passando a Costa do Marfim. Pode-se afirmar, que o pano de fundo da crise marfinense é principalmente o estado de empobrecimento que se iniciou com o declínio da boa fase económica. Mas, vale ressaltar a presença de contingências externas que influenciaram negativamente a evolução da conjuntura política e social marfinense; principalmente da França.

Deste modo, podemos afirmar que, diante dessa interminável disputa pelo poder, atitudes inaceitáveis tornam-se válidas tais como os golpes de Estado, eleições fraudulentas e até mesmo prisão e morte de opositores políticos. As rivalidades étnicas, implementação de políticas exógenas, são alguns dos estopins geradores de grandes e violentas disputas dentro dos Estados africanos em geral, e na Costa do Marfim em particular.

⁴ Gabriel Nunda Samuel, entrevista concedida no dia 02 de Junho de 2021, as 11:20.

2.3 O Golpe de Estado na Costa do Marfim

Segundo Duarte (2012), os golpes de Estado de Dezembro de 1999 e Setembro de 2002 e, no seguimento deste último, a subsequente divisão do país em dois, proporcionaram o palco para a violência que se instalou de seguida no país. A ausência de Ouattara do país durante vários anos tendo regressado em 1991, ao assumir o cargo de primeiro-ministro. Afastando deste modo o seu principal adversário da participação nas eleições presidenciais de 1995, o presidente Konan Bédié obtém a vitória e mantém um programa político-social que assume contornos cada vez mais exclusivistas, principalmente com a sua política de “marfinidade”.

Retomando a abordagem de Duarte (2012), em Dezembro de 1999, em desacordo com as políticas do presidente, o General Robert Guei promove o primeiro golpe de Estado do país e, liderando uma junta militar, assume a presidência daquele país até às eleições de 2000. Não obstante prometer reformular as condições de elegibilidade antes das presidenciais, não o faz, e Ouattara é novamente excluído por nacionalidade “duvidosa”. Laurent Gbagbo, líder do partido socialista *Front Populaire Ivoirien* (FPI) e único adversário do general, ganha as eleições, marcadas por uma fraca adesão às urnas (37,4% de participação). Nos dias seguintes registam-se confrontos entre os partidários dos dois adversários, já que o general Robert Guei se recusa a aceitar o resultado das eleições e a renunciar ao cargo.

Por seu lado, Laurent Gbagbo, evidenciando apreensão quanto à possibilidade de vir a ser alvo de um novo golpe de Estado militar, inicia, através do seu ministro da Defesa, uma reestruturação das Forças Armadas. Ao contrário da política de Houphouët-Boigny, que sempre procurara criar estruturas militares, políticas ou administrativas baseadas na heterogeneidade étnica, Gbagbo à semelhança do que também fizera Bédié discriminou os oficiais partidários dos seus adversários. No início de 2002, a possibilidade de dispensa de militares do corpo das Forças Armadas levanta um descontentamento que vai de facto contribuir para o golpe de Estado de Setembro de 2002 (Duarte, 2012, p.85).

2.3.1 O Processo de Negociação

Depois de um período de crescente manifestações devido os problemas políticos, e as manobras levadas a cabo pelos movimentos rebeldes, desencadeou-se na Costa do Marfim, alguns acordos que tinham como escopo a reconciliação e pacificação dos conflitos naquela região do continente africano.

Ainda na visão de Duarte (2012), em Novembro de 2004, após um ataque mal arquitetado das forças governamentais, a forças rebeldes, reacende-se o receio do conflito armado no país; nesta conformidade, a União Africana nomeia o presidente sul-africano Thabo Mbeki para mediar novas negociações de paz. Deste modo, em Abril de 2005 é assinado o *acordo de Pretória* que introduz, finalmente, uma emenda à controversa cláusula dos critérios de elegibilidade, permitindo assim a Ouattara candidatar-se às eleições.

Segundo Silva, Oliveira & Diallo (2011, p.17), apenas em abril de 2005, com a mediação do então Presidente sul-africano Thabo Mbeki é que as negociações tiveram um fechamento, representado no Acordo de Pretória o qual possibilitou o início do processo de desarmamento dos rebeldes e a assinatura de um novo acordo em Março de 2007. No entanto, este novo acordo deu condições para a entrada de Guillaume Soro no governo como Primeiro-ministro; para o início da integração militar, o desarmamento das milícias rebeldes e o fim das linhas da frente; e para a declaração por parte de Gbagbo de que a guerra havia chegado ao fim.

2.3.2 As Missões de Paz da ONU na Costa do Marfim

As organizações internacionais foram envolvidas no conflito logo ao seu início. Com a onda de violência na Costa do Marfim que se instaurou neste país.

Segundo Fakhoury (2017, p.5), a resolução 1479, de 13 de maio de 2003, criou a Missão da ONU na Costa do Marfim (MINUCI), em ajuda às forças francesas e da *ECOWAS*, e estabeleceu pontos de cooperação entre os dois, assim como reiterou o pedido de que fossem tomadas todas as medidas necessárias para prevenir maiores violações dos direitos humanos e para que fossem encontradas soluções para deslocados e refugiados.

Ainda na visão de Kowalski (S/d, p.72), na sequência, foi decidida, em 2004, a constituição da organização das Nações Unidas para a Costa do Marfim (UNOCI). De facto, tendo determinado que a situação na Costa do Marfim continuava a constituir uma ameaça à paz e à segurança na região, o Conselho de Segurança estabeleceu a UNOCI por um período inicial de 12 meses, com início a 4 de Abril desse ano. A UNOCI passou a assumir a responsabilidade pela missão política da MINUCI conforme estabelecida em 2003 e pelas forças da (ECOWAS).

3. A França na Costa do Marfim

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que o pano de fundo da crise marfinense é principalmente o estado de empobrecimento que se iniciou com o declínio da boa fase económica. Mas, vale ressaltar a presença de contingências externas que influenciaram de forma negativa a evolução da conjuntura política e social marfinense.

Segundo Silva, Oliveira e Diallo (2011), falando sobre a intervenção francesa na Costa do Marfim, asseguram que, os conflitos actuais na Costa do Marfim parecem ter alguma relação com a busca pela recuperação de zonas de influências perdidas na região por parte dos Franceses, sobretudo em países que se qualificam como grandes economias de enclave. Importa que houve no período do pós-Guerra Fria a construção de um ambiente mais autónomo para países africanos.

Segundo Bah (2017), a primeira intervenção francesa no país no período pós-Guerra Fria aconteceu em setembro de 2002, quando na noite do dia 19 do referido mês, um grupo de insurgentes fortemente armados, vindo do Burkina Faso, atacou o país, tentando um golpe de Estado. Após o fracasso do golpe e a resistência das forças armadas da Costa do Marfim, iniciou-se uma guerra entre as duas forças, os rebeldes e as forças leais às instituições da Costa do Marfim. Sob o argumento de proteger e retirar os cidadãos franceses do teatro das operações entre os beligerantes, o exército francês solicitou um cessar-fogo. Muito rapidamente, a sua presença na área de confronto foi para resgatar os

franceses, e evoluiu para uma força de interposição entre as forças armadas da Costa do Marfim e os insurgentes que viriam a ser mais tarde rebeldes.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Conclusões

Após um período de discussão e análise das abordagens de vários autores sobre os conflitos e os golpes de Estado na África Ocidental, com particular destaque na Costa do Marfim, concluímos que os conflitos nesta zona do globo foram motivados por razões políticas, económicas, sociais, questões identitárias e étnica visto que os líderes dos movimentos beligerantes se utilizaram de ressentimentos étnicos para levantar movimentos xenófobos no país.

Contudo, para que se consiga de facto ter uma melhoria no tecido político, económico, social e a cultura, é necessário que a África coloque fim ao velho modelo do Estado às ordens de um presidente monarca; fazendo com que a política obedeça o direito e de forma contrária.

Sugestões

Os Golpes de Estado que se tem observado na África Ocidental devido a má gestão das riquezas, a fragilidade do ponto de vista da geografia política, económica e humana, têm servido de razões para as instabilidades nesta região.

Assim, tendo em conta a pesquisa realizada, sugerimos: à inclusão de alguns aspectos desta temática no programa da cadeira de História de África III do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla. ISCED-HUÍLA, para servir de consulta para a comunidade académica.

Que o professor da cadeira de História de África III consiga aprofundar mais os assuntos que têm que ver com as questões dos conflitos em África principalmente a questão dos golpes de Estado para melhor conhecimento desta matéria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

Referências Bibliográficas

AMUWO, A. (2010) *dekunle Between elite protectionism and popular resistance: The political economy of Nigeria's fractured state since juridical independence*. Vol. 28, No. 4

ALMEIDA, J. (2010) *A Cultura Migratória da África Ocidental: Continuidade e Ruptura no Pós-Independência*.

BAGGIO, F. (2015) *Africanos em movimento. Mobilidade humana em Ghana, Nigéria, Angola e África do Sul*.

BAH, M. (2012) *Como Transcender a Grave Crise na Costa do Marfim*.

COLOMBELLI, N. (2004) *Estados Falidos. O Difícil Estabelecimento de uma Democracia Plena. Estudo de caso: Serra Leoa*. Centro Universitário de Brasília

CASAROTTO, A. & DILL, T. (2006) *Metodologia Científica*. Universidade do Oeste de Santa Catarina

DIAS, C. (2010) *Golpes de Estado em África: Militarização dos Regimes*. Anuário de Relações Exteriores

KIRWIN, M. (2006), "The Security Dilemma and Conflict in Côte d'Ivoire", Nordic Journal of African Studies.

MOURA, G. (2015) *Manual Técnico de Metodologia Científica: Como Desenvolver Pesquisas e Redigir Trabalhos em Cursos de Graduação e Pós-Graduação*. Centro Paula Sousa, São Paulo

MARTINS, R. (2010) *Como tornar agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos*. Ed. Juria

MARINUCCI, R. e MILESI, R. (Sd) *Migrações Internacionais Contemporâneas*.

MALAPARTE, C. (2002), *Técnica de Golpes de Estado*. Roma, Oscar Mondadori

NOGUEIRA P. (1985), "Golpe de Estado". Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado.

Anexo nº 6



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA ISCED – HUÍLA

A presente entrevista, destina-se à aquisição de dados inerentes ao ***Os Golpes de Estado na África Ocidental e os seus efeitos na actualidade. O caso particular da Costa do Marfim***

Do qual o principal objectivo é a elaboração de monografia para a aquisição do grau de licenciatura para o ensino da História.

Desde já, aceitem os nossos singelos agradecimentos!

I Idade____; Profissão____; Género____ _____.
--

A Costa do Marfim precisa de apoio em todos os sectores para responder aos enormes desafios que enfrenta. Mas o que pode ser feito para reconstruir, reunificar e estabilizar o país depende muito da vontade de todas as forças envolvidas nos conflitos que este país tem enfrentado.

1- Tendo em conta as constantes tensões na África ocidental, como analisas a problemática dos golpes de Estado nessa região?

2- Na sua visão, qual tem sido as causas dos conflitos na Costa do Marfim?

3- A África, do ponto de vista geopolítico e geoestratégico, joga um papel de destaque dentro do sistema internacional.

A) Que análise fazes das constantes intervenções da França na Costa do Marfim?

4- Que consequências terá as tensões políticas na Costa do Marfim, dentro dos Estados vizinhos?

5ª Quais são os efeitos dos golpes de Estado na Costa do Marfim?

6ª Que medidas poderiam ser adoptadas para conter os problemas políticos, económicos, sociais, religiosos e étnicos que a África Ocidental em geral e, a Costa do Marfim em particular têm enfrentado?

